

dossiê



"Qualquer projeto é um discurso antes de mais nada"

Entrevista
Paulo Mendes
da Rocha

Alexandre Benoit
Fernando Viégas
José Paulo Gouvêa
Marianna B. Al Assal

Foto do arquiteto em seu escritório durante a entrevista. Em primeiro plano peça que lhe foi presenteada pelo amigo e arquiteto Flávio Motta com o título "O último recurso".

A revista

América é um lindo nome. Sua origem vem de Américo Vespúcio, que dizem que nunca esteve aqui... é a própria história do continente.

A revista podia abrir novos horizontes, antes de ideologias com essa intenção ou aquela, só abrir esses horizontes: América, território construído e habitado, ontem, de 400 anos para cá.

Deveria dar para os estudantes uma bibliografia de 3 ou 4 livros. Esse é meu palpite. Tem que ler Macunaíma, é divertidíssimo. Não pode ficar falando de Mário de Andrade e não ler nada.

Projeto como discurso

Publicar projetos é uma boa. Não precisa de muitos comentários. Uma nota ou outra, por isso e por aquilo estamos publicando esse projeto. Tudo que eu falo está nos meus projetos. Qualquer projeto é um discurso antes de mais nada. Uma construção é uma proposta para que se construa aquilo efetivamente, transformando a ideia em coisa. É a essência da questão, principalmente porque põe, para uma escola de arquitetura, a ideia de que todo projeto é um discurso sobre conhecimento.

Isso leva a arquitetura, enquanto coisa construída e se não for construída — ainda como desenho — a ser uma hipótese a ser discutida, sobre nossa condição no universo. Não é brincadeira isso tudo que chamamos de projeto: desenhos, plantas, cortes, cálculo de estruturas, a proposição de transformar a ideia em coisa.

Eu vi recentemente uma reportagem sobre a construção das pirâmides do Cairo. A questão era a seguinte: quantos trabalhadores foram necessários para fazer aquele trabalho, e como quem promovia aquilo alimentou todos eles? Era uma reportagem sobre os milhares de quilos de trigo que foram necessários para fazer pão para manter aqueles homens trabalhando lá o tempo todo enquanto foi construído aquele empreendimento.

E caberia a nós, hoje, perguntar o que tal projeto queria dizer? Porque em toda a história, na fantástica grafia da palavra escrita egípcia, não há a figura da pirâmide? Só existem as próprias pirâmides. E porque aquilo, tão simples — nada mais simples do que uma pirâmide regular de base quadrada — até hoje tem essa importância? Porque inaugurou-se ali a máquina da sua própria fabricação.

"Dá-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu sou capaz de levantar o mundo." A pirâmide enquanto rampa, plano inclinado é a máquina da sua própria fabricação. Sem arrastar as pedras não seria possível construir o objeto. Para colocar uma pedra a 120 metros de altura, precisa de uma máquina, que é o plano inclinado, e os homens trabalhando. É por isso que aquilo é um monumento.

E hoje, qual seria nosso monumento? A cidade contemporânea. Portando, para nós a questão do desenho, de qualquer projeto, antes de mais nada, é uma réplica do que se propõe replicar. A cidade não pode ser um desastre, tem que ser um sucesso. E, no entanto, o que estamos vendo, é um desastre.

Dáí que o projeto, como discurso, tem um valor extraordinário. Ou seja, a arquitetura é uma forma peculiar ao gênero humano de conhecimento. Não pode ser uma soma de conhecimentos — cálculo de estrutura, engenharia, sociologia. Ao contrário! Ser arquiteto é uma totalidade dos conhecimentos característicos do gênero humano. Desde as origens. Quando alguém deixou uma pedra por onde passou para avisar o outro, "eis uma catedral!", e assim por diante.

Tanto que, quando nós, gênero humano, num certo momento começamos a nos abrigar em cavernas — uma época notável da nossa existência —, fundamentalmente como abrigo deveria levar o fogo — e muitas pessoas morriam lá dentro por causa da fumaça e falta de oxigênio. Mas se entendeu que haveria de buscar uma peculiar caverna, que tivesse uma saída por cima como uma chaminé. Passamos então a habitar cavernas. O registro que temos disso hoje são os maiores museus do mundo: Altamira, Lascaux. O conhecimento, a sabedoria e a habitabilidade do planeta formam uma questão para nós. Essa é a questão da arquitetura: transformar a natureza em habitável, porque, por si, ela não é. A natureza é um desastre: inundações, terremotos, vulcões, por aí.

A invenção da América

A América é uma novidade, 400 anos não é nada. E não começou no dia seguinte da chegada dos navegantes. Os contrapontos com a condição americana são um tema muito interessante. Só para se ter uma ideia, Leningrado (São Petersburgo) tem 300 anos. É mais nova do que o Rio de Janeiro, do que São Paulo, e é daquele jeito e nós somos assim. Por que a América foi feita assim?

Antes de mais nada, a América representa um feito, um sucesso das navegações, quando se dizia que não havia mundo assim — como um pequeno calhau de matéria, girando no universo. Ao contrário, imaginava-se que o horizonte era o fim do mundo. E aqueles navegantes foram os precursores dos astronautas de hoje. Tiveram sucesso mostrando que sim, que era possível estabelecer uma circum-navegação do planeta, numa época em que quem dizia isso, como cientista e especulador, Galileu, era condenado à fogueira. É nessa dimensão que devemos ver nossa aventura na América.

Não podemos esquecer, claro, dos desastres da política colonial, a questão da exploração, o massacre que foi feito com a população que encontraram aqui, talvez a maior estupidez do ponto de vista da inteligência humana. Porque toda aquela civilização europeia destruiu o que encontrou, quando deveria ter ficado encantada.

Particularmente para nós brasileiros ou para nós colonizados de origem portuguesa, há esse contraponto em relação às civilizações que os espanhóis massacraram lá no Pacífico. Porque é como se os nativos daqui fossem inferiores, quando não é verdade. Cada língua, cada civilização possui sutilezas e requintes equivalentes às mais extraordinárias construções monumentalmente constituídas com pedras, como as pirâmides do Egito.

As construções, para falar de arquitetura enquanto casa que abriga o homem, dos índios daqui: uma oca. As madeiras, por mais que fossem colhidas para aquele efeito, não podiam ser idênticas. Como se conseguia a curvatura daquela maneira uniforme? É que elas são cravadas, puxadas e tencionadas, essa tensão é que regula a diferença entre elas. É tênsil. Uma vara cravada no chão que sustenta o cipó que faz a curvatura e constrói uma oca para que se possa ter fogo no meio, portanto vazio, e todos habitando em volta, em comunidade. Tinham ainda a consciência de que quando a caça escasseasse, depois de anos, podiam abandonar e fazer outra, em outro lugar, enquanto a anterior, em pouco tempo, desaparecia consumida pela própria natureza. "Eu sou adubo da própria vida".

Portanto a graça da inteligência humana é a existência que elabora, de acordo com as circunstâncias, a mesma linguagem com línguas outras, com desenhos outros. Você fazer um elogio da cor — a cor das penas dos pássaros que passam voando — para se enfeitar, como os índios faziam, do ponto de vista da comunicação, da dificuldade de dizer ao outro a imagem que se tem de si próprio, é uma maravilha.

O território sul-americano

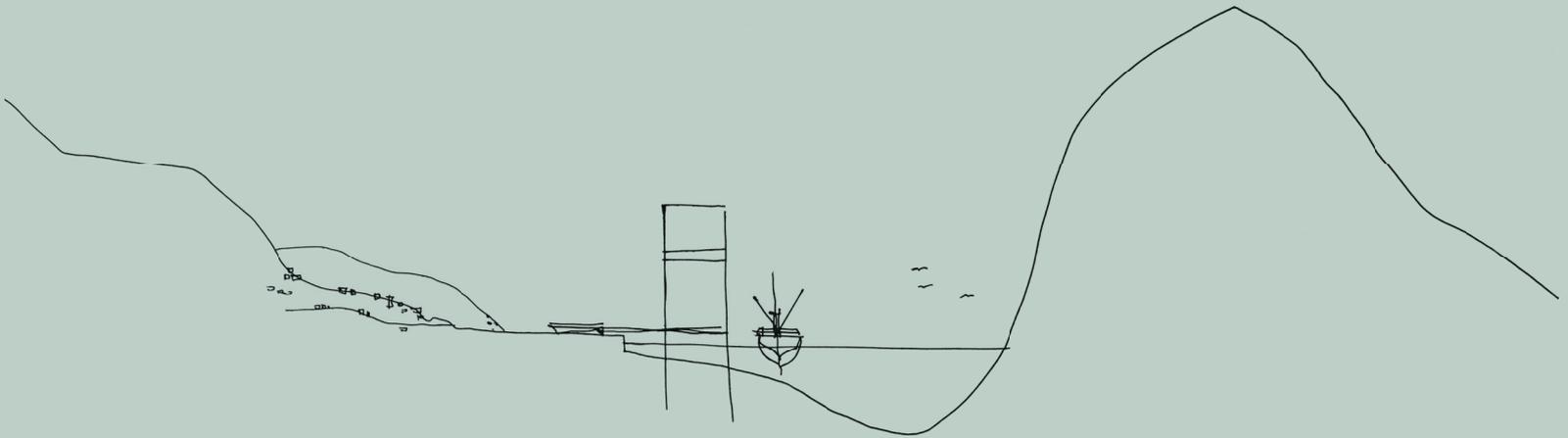
A divisão dos países americanos é uma coisa artificial. Vamos assumir a responsabilidade das coisas como estão, e nos unir para trabalharmos juntos e não ficar discutindo fronteiras. A posição do colonialismo é tão estúpida, que nem dá para discutir. No Tratado de Tordesilhas os portugueses e os espanhóis dividiram a América numa linha reta. Você só pode fazer, com uma linha reta, a divisão de um presunto, não de um território onde há um rio que nasce em um país, passa para outro, e volta para este. Por que aqui é Brasil e lá não? É tudo artificial... Por que diabos o Chile é uma tripa daquele tamanho do lado de lá? Portanto, vamos assumir a responsabilidade política, e gerir como um território e não como países que vão brigar por fronteiras. É um absurdo a Bolívia e o Paraguai não terem um porto de mar. Tem que propor, em um conselho latino americano, que Peru, Chile e Bolívia cedam território, em contraponto, nós, do Brasil, cedemos também. Porque dizer "geograficamente" eles não têm... foram os portugueses e espanhóis que começaram com essa estupidez, que é política.

O solo urbano

A verticalização é recente, sem elevador, não há. Não é que nós não sabíamos construir tanto. É que ninguém aguentava subir mais que dois ou três andares — produtos, pessoas com crianças, velhos. O elevador interessa porque concentra. O artefato novo não pode entrar na matriz anterior. Não posso concentrar, em cada casinha, um prédio. Não tem sentido um prédio em um terreno de sete de frente, não tem razão, não tem inteligência, tem submissão ao mercado. Copan, Conjunto Nacional são exemplos que deram certo. Se em cada lote você tira a casa e faz um prédio é um desastre. Ou seja, você pode não saber exatamente como fazer, mas pode ter certeza que assim não se faz.

Nenhuma avenida foi aberta aqui na cidade de São Paulo sem desapropriações. Agora mesmo, tem o Parque Augusta que era uma escola das freiras, *Des Oiseaux*, uma propriedade privada. Ou então a nova Faria Lima. Não se faz nada sem ter como contraponto a famigerada propriedade privada. O território, o planeta não pode ser objeto de venda, como uma mercadoria.

Eis que surge a grande questão do século XX, como expressão do conhecimento: a revolução soviética —



"os dez dias que abalaram o mundo" — que diz que: "fica abolida a propriedade privada do solo" e a luta vai se desenvolver contra a especulação do homem pelo homem e a construção da paz. O raciocínio marxista é muito mais complexo do que isso, mas suponhamos, para explicar essa ideia para um tolo que veio do Jardim América: a revolução foi feita para instituir a abolição da propriedade privada do solo. Senão, não posso planejar, por exemplo, uma ligação do Atlântico com o Pacífico, teria que ficar comprando terreno após terreno para cruzar o continente.

Eu sei o que estou dizendo, fui cassado pelo AI-5, proibido de exercer a profissão. Uma coisa é ser dogmático e defender o comunismo como se fosse um stalinista, mas a revolução, a ideia da construção da paz, de abolir a exploração do homem pelo homem, é atualíssima.

Arquitetura não se ensina

É impossível ensinar arquitetura, mas é possível educar um arquiteto.

Uma escola de arquitetura não ensina coisa alguma, mas faz cogitar. Recebe inconscientes e ignorantes, devolvendo para a sociedade muito mais ignorantes, entretanto agora conscientes. Ou seja, conscientes de que a ignorância de que tinham antes agora é muito maior. O essencial é aprender a viver, daí o exemplo da aluna que chegava com três seguranças e um carro blindado, mas a partir do segundo ano passou a morar no Copan. E assim se educou. A Escola não ensinou nada para ela, nenhum professor deu uma lição maior do que essa consciência de que eis a cidade.

Essa falta de cogitação... achar que somos por que somos, não faz sentido. Um homem que se preza não pode ser naturalmente coisa nenhuma.... Eu sou capixaba. Nasci numa cidade beira-mar, porém, muito peculiar na história dessa América, porque, já em 1520, foi fundada como um abrigo para os navios, já que não havia cais para atracar. Não é só uma vilazinha beira-mar, há transatlânticos vindos da Europa — armadores belgas, holandeses, com mercadorias do oriente.

Portanto não é só a beleza da praia, da areia quente e você descalço pegando caranguejos, é o navio também, é a interlocução com o mundo inteiro.

Às vezes, a praça estava escura porque o navio tinha saído, daí a gente percebia que as luzes do navio eram mais fortes do que as da própria cidade. Coisas assim que você aprende, vê como um teatro — a existência humana na sua essencialidade. Desde a sabedoria do pescador que diz que amanhã vai chover, a sabedoria de quem mora num lugar até essa solidariedade urbana, internacional, que se aprende desde que você preste atenção. Como uma escola.

O edifício do SESC e a cidade

Abandonar a cidade e ir morar num condomínio fechado com guardas armados... O medo é a ferramenta do fascismo. Portanto, habitar a cidade e transformá-la em desejável e atraente é um empreendimento sempre interessante, como nesse edifício do 24 de Maio¹, cuja virtude foi do SESC: se nós demolíssemos tudo para fazer um edifício novo, não teríamos onde colocar o entulho. A cidade tem um grande problema de não poder demolir. Não é à toa que qualquer prefeito quer fazer do Minhocão um jardim elevado. Porque, com aquela carga, a estrutura já está condenada e não pode demolir porque não tem onde pôr tudo aquilo, então inventam de fazer um jardim lá em cima. A transformação do uso é o que está pressuposta. É mais caro demolir que mudar o uso.

Outra coisa importante neste projeto é a piscina na cobertura. Pensei o seguinte: o rico, quando pode, faz uma piscina na cobertura que, de qualquer maneira, vai ser uma porcaria, então vou fazer para os meninos do comércio uma piscina que ninguém viu igual. O SESC não precisava topa, mas topou. Porque a estrutura do prédio original não aguenta aquilo, tinha aquele vazio onde eu coloquei os quatro pilares e fiz o teatro lá em baixo e a piscina lá em cima. Daí o vizinho foi comprado para botar os serviços. Se você pegasse tudo quanto é banheiro, freezer, depósito, não caberia. Essa foi outra questão interessante da arquitetura como forma de conhecimento. Ainda não estava certo se ia demolir ou

não. O SESC nem pensava em nada, eu que, olhando lá quando fomos visitar, percebi que podia não demolir e a solução era anexar o vizinho, um prediozinho de 7 por 20, uma porcaria, que estava à venda. Então falei para eles: se vocês comprarem aquele predinho, não precisa demolir este. Vi na hora. Põe tudo ali, inclusive faz uma entrada independente, de mercadoria, funcionários, vestiários, tudo, e liga com uma pontezinha.

Ou seja, enquanto conversava com o pessoal do SESC durante a visita, fiz o projeto inteiro, o resto é detalhar onde põe o parafuso. Você não projeta no papel. Às vezes você toma nota para não esquecer uma coisa ou outra. Não é fazendo croqui que você faz o projeto, não existe isso. Projeto existe na mente antes, e inclusive antes de qualquer imagem, como desejo.

“Os meninos na piscina!” Antes de saber exatamente como ia acontecer, pensei “isso aí eu vou fazer!”. E o teatro do subsolo com café que sai para rua, por quê? Porque o SESC fecha às dez, mas o teatro poderia ficar até às cinco da manhã, autônomo.

Cidade-porto fluvial²

Não interessa o porto fluvial sem ligação ferroviária. Tem uma estrada histórica ao Norte do rio Tietê e outra ao sul. Ligamos as duas. 70 quilômetros de estrada se fazem em 3 meses. Esse é o projeto. Não tem desenho, não é aquele rabisco. Você já viu o projeto, não precisa desenhar nada.

De um lado é Lins, de outro, Novo Horizonte. Porto feliz é o contrário, uma cidade na beira da represa que não tem importância nenhuma. Seria o balneário já que lá se formam umas praias deliciosas. Albufeira, como chamam os portugueses. Tem um riachinho. Quando encheu, reflui. O riozinho engrossa um pouco para trás e depois reequilibra. Ali é o vale do Anhangabaú.

A cidade do Tietê tem reflexões muito interessantes. Porque diabos o Tietê é todo navegável? Primeiro, porque historicamente ele sempre foi desejado como penetração, você tira a canoa, empurra, e está lá o monumento. Com a navegação de hoje não seria mais navegável, a canoa não interessa. Com as barragens ele se transformou todo navegável, porque, aqui o governador de São Paulo era um professor da Politécnica — e aí entra meu pai, Paulo de Menezes Mendes da Rocha, e Lucas Nogueira Garcez, da área de hidráulica, eles fizeram a sucessão de barragens com eclusas. O navio entra. Tornou o Tietê navegável de modo atual.

Baía de Montevideo, uma questão de escala³

É uma de nossas baías americanas. Na baía de Montevideo tem uma questão que eu acho pouco destacada. Se o projeto for circunscrito em um círculo, uma geometria familiar para qualquer um de nós, temos a distância de 2,5 km. Não é uma escala em abstrato, 1:100, 500 metros... não! Temos uma distância de 2,5 km que é o comprimento da Avenida Paulista. Porque as pessoas se enganam muito com a escala das coisas, é o tamanho das coisas que importa! A nova baía de Montevideo é como uma avenida Paulista. Dito isso, é fácil imaginar: você chega, desce, toma um café, pega a lanchinha, que sai de 15 em 15 minutos, tem o gozo de frente para o mar, etc. Um porto de mar internacional, uma frente aberta para o Atlântico.

Por sinal, na cidade do Tietê podia se propor unir os dois sistemas ferroviários históricos. Se vai até a Bolívia, é uma transpacífica anunciada! Do porto até elas é a metade, 70 quilômetros, mas você tem que dizer que 70 km é daqui de São Paulo até Jundiá. As pessoas não sabem o que significam “70 quilômetros”. Tem que dar uma referência que as pessoas já percorreram. Por exemplo, São Paulo-Santos. A Serra do mar tem 5 quilômetros, isso é nada. Na verdade, São Paulo é uma cidade portuária.

Projeto para um memorial da América Latina

Isso foi uma aventura pessoal. Quando surgiu a ideia por razões políticas do Memorial da América Latina, eu fiz o projeto na minha cabeça. Mas depois foi combinado com o Niemeyer.

Justamente o que estávamos falando, tratado de Tordesilhas... O Atlântico somos só nós, a turma toda não conhece. Eu pensei: o Memorial da América Latina é a ligação Atlântico-Pacífico. Então vou procurar na estrada para Santos, um lugar no limite antes de começar a descer, ali faço um desvio, faço uma estradinha de asfalto, de não mais que 3 ou 4 quilômetros, até chegar em um ponto de onde ainda não se vê o mar, mas que ele esteja logo ali.

Então faço uma praça, para ter estacionamento. Você entra numa grande rampa e não vê o mar, mas ali de dentro, com rebaixamento — um grande auditório, e todos esses programas que o Niemeyer fez em prédios separados — há um grande salão que pega uma frente de 80, ou 100 metros, uma fenestra que aí sim você vê

o Atlântico. Fazem vão de 80 metros para ponte com locomotiva passando. Com carga nenhuma em cima, só 50 cm de terra, 80 metros não é nada, não precisa mais, como vão estrutural... Talvez seja muito, podia ser 50, sem nenhum pilar... O quanto vocês quisessem.

Com essa fenestra *a la* olho de esquimó, você vê o mar, Santos, vê tudo. A turma que vem do Peru, de vários lugares, chega de avião, chega de ônibus, de onde quiser e tem essa visão. Vai ver o atlântico e a serra, de dia, de noite, com chuva, é a visão de quem chegou a primeira vez vindo do outro lado.

Lá em cima não precisa nem ter praça, não deve, pode ser o que quiser. Uma entrada discreta, não precisa ser acanhada, uma rampa, uma porta pequena, um mistério até o mergulho e entrar lá dentro. Não tem fachada, o próprio pavilhão interno é uma surpresa. Aí que tá o que é arquitetura: uma transformação da natureza... É bonita essa ideia, não? Não há desenho, eu mesmo não tomei nota, acho que não fiz nenhum rabisco, mas o projeto estava feito.

Se há uma coisa que a gente não sabe, e multiplicando a ideia do ponto de vista literário e da imaginação... Nós temos medo e espanto — nós temos medo da liberdade. O que deviam dizer para os estudantes é que, a primeira coisa que você precisa aprender, é que você tem liberdade para fazer o que quiser. E como você tem medo da liberdade, você quer me perguntar enquanto professor o que fazer, o que eu posso fazer, o que não posso, o que é detalhe, o que é design, o que é urbanismo, o que é arquitetura, planejamento territorial... tá tudo dividido hoje, né? Não! Mas, ligação atlântico-pacífico, isso não é arquitetura. Ah, não? É o que então?

Seria lindo fechar assim. Aí vocês relatam: tivemos um papo.

AUTORES

Alexandre Benoit é graduado (2008) e mestre (2014) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, é doutorando pela mesma instituição. É professor na Associação Escola Cidade e membro do comitê editorial da revista *Contravento*.

Fernando Viégas possui graduação (1994) e mestrado (2004) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Coordenador do Curso de Pós-Graduação "Geografia, Cidade e Arquitetura" e do Conselho Científico da Escola da Cidade.

José Paulo Gouvêa possui graduação (2004), mestrado (2010) e doutorado (2016) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Escola da Cidade e editor da Editora da Cidade.

Marianna Boghosian Al Assal possui graduação (2005), mestrado (2010) e doutorado (2014) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Atualmente é professora da Escola da Cidade, onde também coordena o Conselho Científico.

TRANSCRIÇÃO

Débora Filippini

NOTAS

1. Desenvolvido por Mendes da Rocha em parceria com o escritório MMBB Arquitetos Associados e entregue em 2017, após 15 anos do início do projeto, trata-se da primeira unidade do SESC no centro da cidade de São Paulo — na esquina da rua 24 de Maio com a rua Dom José de Barros, onde antes era a antiga loja de departamentos Mesbla; no projeto optou-se por uma reforma ao invés da demolição da carcaça existente, além de se anexar o pequeno edifício vizinho. O complexo oferece aos trabalhadores do comércio e ao público em geral, diversos serviços e programas de recreação e lazer.
2. Em 1980, Mendes da Rocha desenvolve um plano urbano para a Cidade do Tietê, entre Lins e Novo Horizonte no interior do estado de São Paulo. Este projeto, jamais construído, mas sempre lembrado pelo arquiteto, propõe a ocupação do interior do país a partir da articulação entre malha ferroviária e hidrovias.
3. Em 1998, convidado a participar de uma oficina de projeto na Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo (FADU) de Montevideo, no Uruguai, Mendes da Rocha elabora, com os estudantes, um redesenho da baía daquela cidade — projeto que viria a ser uma das proposições conceituais mais importantes para si, pois aborda a questão do território sul-americano, os rios e o imaginário da cidade-porto.